

Alexandre Garcia

Nativos inquietos

Há muita gente inquieta no Brasil. Mais inquieta ainda depois de concretizada a ameaça de nomear Guilherme Boulos ministro. Ninguém consegue responder como será o dia de amanhã, no país em que "até o passado é imprevisível". Vai do rés-do-chão ao Supremo. Agricultores gravam, chorando, o mamão maduro que atiram ao chão, a manga madura que não vende, o arroz despejado diante do Banco do Brasil. No Supremo, se consomem copos e copos d'água para molhar a garganta em faces umedecidas de lágrimas, com emoções que chegam a bate-boca entre Gilmar e Fux. A inquietação também se revela no Palácio do Planalto, depois de Lula ter ouvido o relato de seu Ministro de Relações Exteriores, Mauro Vieira, contando o que lhe disse Marco Rubio na reunião a sós em Washington. A reação química se desfez em fumaça e no dia seguinte ao relato de Vieira, Lula reagiu, de camisa vermelha numa plateia em São Bernardo do Campo: "nunca mais um presidente ousa falar grosso com o Brasil, porque a gente não vai aceitar". A química produziu espuma de raiva.

No rés-do-chão, a inquietação ultrapassa as lágrimas e a raiva; 25 agricultores gaúchos renunciaram à vida, desesperados pelas dívi-

das impagáveis do plantar e colher. No alto da torre de marfim, o Ministro Barroso tampouco aguentou e desertou. Ao pé da torre de marfim, os nativos que estão inquietos talvez devessem começar se perguntando em quem votaram; outros, do alto, como o Ministro Barroso, que planeja ir para um retiro fazer meditação, poderiam analisar-se sobre o que têm feito. No Supremo, os oito que já não podem entrar nos Estados Unidos, sentiram o amargor do árbitrio. Só que no visto cancelado, é um árbitrio administrativo, da vontade legal e legítima da autoridade de um país; o que é diferente de árbitrio no Judiciário, que é inadmissível dentro do devido processo legal, em que um juiz deve ser neutro, isento; e tem que ser o juiz natural e não pode ter iniciativa de ação. A sanção veio de um país cujas leis são modelo de democracia, direitos humanos e liberdade de expressão. Aqui, temos uma Constituição com esses princípios e suficiente minuciosidade para evitar interpretações que se opõem ao que está escrito. Uma Constituição para ser seguida ao pé-da-letra.

Na verdade, os nativos estão à beira de um ataque de nervos. O Presidente da República diz na cara do Presidente da Câmara de Deputados que "esse Congresso nunca teve a qualidade de baixo nível que tem

"agora". Nunca ouvi algo assim aqui em Brasília, o Presidente do Executivo censurou publicamente o mais importante dos poderes, que é o Congresso dos representantes do povo. Seguindo a conduta dos presidentes do Poder Legislativo, Hugo Mota apenas ouviu, passivo e inquieto. O legislativo ensaiou reações, como aprovar urgência para o projeto de anistia, mas a urgência foi em 17 de setembro. Se fosse uma compra com entrega urgente, já estaria enquadrada na Delegacia do Consumidor.

Parece que estamos todos nos enganando, fingimos acreditar quando recebemos deslavadas mentiras. Repetidas na mídia, declarações mentirosas ganham um verniz que lhes dá reflexo, mas nunca se transformam em verdade. Testemunhamos condenações que não se baseiam em fatos, mas em ficções. Mas, pelo menos, sabemos. Os que nos mentem talvez não queiram sequer pensar que sabemos que mentem. Mas nos enganam e vamos engolindo sapos e pagando impostos para sustentar um estado que não nos retribui com bons serviços públicos. E, ao testemunhar tudo isso, vamos ficando inquietos como eles. O resultado é um país inquieto, que tinha tudo para deixar tranquilo neste berço esplêndido.

Se o IBGE fosse numa escola e fizesse chamada, metade da turma responderia "presente" ao ouvir Silva. A outra metade provavelmente atenderia por Santos, Oliveira, ou algum outro sobrenome que soa familiar, porque, convenhamos, no Brasil, a originalidade dos sobrenomes parece ter tirado férias há uns 200 anos.

A lista do IBGE com os sobrenomes mais comuns do país é quase um retrato falado da nossa mistura: Silva, Santos, Oliveira, Souza, Lima, Pereira, Costa, Rodrigues, Almeida e Carvalho — uma verdadeira seleção brasileira da genealogia. Cada um com seu charme e sua história, claro, mas todos com um denominador comum: a chance altíssima de você ter pelo menos um colega de trabalho, vizinho ou ex que compartilha o mesmo sobrenome.

O Silva, por exemplo, é tipo o arroz com feijão dos sobrenomes: está em todo lugar, combina com tudo e dificilmente sai do cardápio. Já o Santos carrega um ar celestial — mas a julgar pela quantidade de "Santos" nas filas do banco, parece que nem todos são tão angelicais assim. E o

Souza, bom... o Souza é aquele que sempre tenta ser diferente, mas acaba escrevendo "Souza" com "z" ou "s" só pra parecer único.

O mais curioso é que, apesar dessa repetição, cada "Silva" jura que a sua família é a Silva original. É quase uma competição de DNA imaginário: "meu tataravô era o verdadeiro Silva, aquele que veio de Portugal em 1820!". Calma, primo, o importante é que todo mundo está na árvore genealógica da diversidade brasileira — uma floresta, aliás.

No fundo, esses sobrenomes contam mais sobre o Brasil do que muita aula de história: mostram nossas origens coloniais, a mistura de povos, e também o quanto somos bons em dar novos significados a velhas tradições.

E quer saber? Pode ter mil "Silvas" e "Santos", mas cada um traz uma história única. No fim das contas, o Brasil pode até ter sobrenomes repetidos — mas nunca pessoas iguais.

E se o IBGE fizer com nomes, provavelmente teríamos que usar a música de Gilberto Gil, "Domingo no Parque": "O rei da bricadeira é José; o rei da confusão é João..."

Cultura brasileira para exportação

A arte carioca segue a todo vapor. E agora serão nossos artistas que levarão a cultura brasileira para fora, não o oposto.

Isso porque, entre os dias 4 e 12 de novembro, o Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro irá se apresentar em cinco cidades uruguaias. O tour tem promoção do Hola Río - programa de internacionalização da cultura fluminense que está na sua terceira edição - e apoio da Petrobras. Canelones, San José, Durazno e Riviera se unem à capital Montevideu como os palcos que receberão as performances de dança e darão início ao calendário de apresentações do Hola Río na América Latina. Os espetáculos trarão uma mistura de clássicos, como "O Lago dos Cisnes" e "O Corsário", com os contemporâneos Frida e Loss e os ritmos brasileiros de samba, bossa nova, forró e chorinho.

O momento é mais próprio

do que nunca, porque o Brasil está voltando a ser protagonista dos diversos setores internacionais, incluindo no artístico.

Aproveitar essa boa fase para levar a cultura brasileira para nossos irmãos de fronteira, ainda mais exportando a excelência do Ballet do Theatro Municipal carioca.

O Corpo de Baile começou em 1927 com a bailarina Maria Olenewa fundando a primeira escola de dança do Brasil no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. O Corpo de Baile e a Escola de Dança se fundiram numa única estrutura na apresentação de espetáculos, até que em 1936, foi oficialmente criado o Corpo de Baile com a separação definitiva entre escola e companhia profissional. A partir de então, o Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro vem cultivando a tradição de excelência para o Brasil e o mundo.

Opinião do leitor

Bandidagem

Autoridades policiais do Rio de Janeiro vão prosseguir operando no combate aos bandidos. Com ações integradas com o governo federal, o crime organizado vai sofrer mais baixas. Criminosos não podem continuar causando pânico aos cidadãos de bem.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: GOVERNO VAI AJUDAR RELAÇÕES ENTRE URUGUAI E PERU

As principais notícias do Correio da Manhã em 5 de novembro de 1930 foram: Vão deixar o país o ex-presidente Washington Luiz e

seus auxiliares de Governo. Assim Brasil chega ao Rio de Janeiro para ser empossado como ministro da Agricultura. Vargas faz mudanças

na administração militar. Uruguai buscará intermediação do novo governo brasileiro para reatar relações diplomáticas com o Peru.

HÁ 75 ANOS: EUA SE PREPARAM EM FAZER ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

As principais notícias do Correio da Manhã em 5 de novembro de 1950 foram: Estados Unidos se ajustam para as eleições legislativas,

quando serão escolhidos 36 senadores e 432 deputados. Levantado boicote diplomático à Espanha na ONU. Conselho de Ministros da

Europa estudam a criação de um exército continental. Termina apuração em São Paulo e no Rio grande do Sul.

EDITORIAL

Os 'parentes' mais famosos do Brasil

Se o IBGE fosse numa escola e fizesse chamada, metade da turma responderia "presente" ao ouvir Silva. A outra metade provavelmente atenderia por Santos, Oliveira, ou algum outro sobrenome que soa familiar, porque, convenhamos, no Brasil, a originalidade dos sobrenomes parece ter tirado férias há uns 200 anos.

Parece que estamos todos nos enganando, fingimos acreditar quando recebemos deslavadas mentiras. Repetidas na mídia, declarações mentirosas ganham um verniz que lhes dá reflexo, mas nunca se transformam em verdade. Testemunhamos condenações que não se baseiam em fatos, mas em ficções. Mas, pelo menos, sabemos. Os que nos mentem talvez não queiram sequer pensar que sabemos que mentem. Mas nos enganam e vamos engolindo sapos e pagando impostos para sustentar um estado que não nos retribui com bons serviços públicos.

E, ao testemunhar tudo isso, vamos ficando inquietos como eles. O resultado é um país inquieto, que tinha tudo para deixar tranquilo neste berço esplêndido.

O Silva, por exemplo, é tipo o arroz com feijão dos sobrenomes: está em todo lugar, combina com tudo e dificilmente sai do cardápio. Já o Santos carrega um ar celestial — mas a julgar pela quantidade de "Santos" nas filas do banco, parece que nem todos são tão angelicais assim. E o

Souza, bom... o Souza é aquele que sempre tenta ser diferente, mas acaba escrevendo "Souza" com "z" ou "s" só pra parecer único.

O mais curioso é que, apesar dessa repetição, cada "Silva" jura que a sua família é a Silva original. É quase uma competição de DNA imaginário: "meu tataravô era o verdadeiro Silva, aquele que veio de Portugal em 1820!". Calma, primo, o importante é que todo mundo está na árvore genealógica da diversidade brasileira — uma floresta, aliás.

No fundo, esses sobrenomes contam mais sobre o Brasil do que muita aula de história: mostram nossas origens coloniais, a mistura de povos, e também o quanto somos bons em dar novos significados a velhas tradições.

E quer saber? Pode ter mil "Silvas" e "Santos", mas cada um traz uma história única. No fim das contas, o Brasil pode até ter sobrenomes repetidos — mas nunca pessoas iguais.

E se o IBGE fizer com nomes, provavelmente teríamos que usar a música de Gilberto Gil, "Domingo no Parque": "O rei da bricadeira é José; o rei da confusão é João..."

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Iye Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadrado 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.